

## DA ITÁLIA

Roma, setembro — O avião da Panair é muito rápido, e o uísque de bordo ajuda a passar o tempo. Mas desta vez o Constellation foi rápido de mais: um dia depois de eu chegar a Roma, a ordem telegráfica do Banco do Brasil para o Banco de Roma, expedida na véspera de minha partida, ainda não havia chegado. Esperei mais um dia: nada. Depois veio um sábado, depois um domingo. Espetei com algumas pequenas facadas o corpo diplomático de um amigo, certo de que segunda-feira iria entrar na posse dos 1.500 dólares que me havia concedido o sr. Cadaval.

Afinal tive notícia de que a ordem chegara. Não sei por que misterioso motivo uma ordem telegráfica sempre leva uma semana para chegar, mas a verdade é que chega. Corri ao Banco de Roma e perguntei em que balcão, em que "guichet" eu devia procurar o anjo capaz de me dar aqueles 1.500 dólares. O anjo era um senhor de idade que, depois de examinar o meu caso teve uma exclamação:

— Dólares italianos!

Flquei, então, sabendo de tudo. Dólar italiano é uma moeda que, conforme o nome indica, não existe. É fabricada no Brasil e aceita na Itália. Não quer dizer nada; ou melhor, é um modo de falar. No lugar de receber os meus cruzeiros e me dar uma ordem em liras para Roma, o Banco do Brasil acha mais bonito dar a ordem em dólares. Provavelmente o Banco de Roma também acha mais bonito receber a ordem em dólares, desde que possa pagá-la em liras esplendidamente calculadas ao câmbio oficial.

Enfim, o dólar italiano é uma demonstração de aprêço que os Bancos do governo brasileiro e do governo italiano têm pelo dólar norte-americano. Aliás o Banco de Roma não paga coisa alguma. Quem me explicou isso foi uma senhorita de olhos pretos, que trabalha na secção de "clearing", para onde me enviaram.

— E preciso receber no Banco da Itália.

Pedi o endereço do Banco, olhando o relógio, mas a senhorita sorriu:

— Hoje o sr. não pode receber. Talvez dentro de dez dias...

— Dez dias?

— Bem, às vezes menos, uma semana...

Depois de rugidos, protestos, telefonemas do adido comercial, consegui receber a quinta parte da ordem telegráfica. Sete dias mais tarde recebi mais um pouco. Tenho promessa de algum dia, talvez ainda neste outono, vir a receber o total de minha ordem telegráfica. A culpa aliás não é do Banco de Roma, conforme me explicaram lá; é do Banco da Itália; aliás não é do Banco da Itália, conforme também me foi explicado: é do Departamento de Câmbio; aliás não é do Departamento de Câmbio, é do Banco da Itália... Qualquer ordem superior a 500 liras está sujeita a uma quarentena durante a qual passeia por aqueles três honrados lugares, repousando depois de cada viagem três a quatro dias em uma gaveta.

Viagem

Se no lugar de ordem telegráfica eu tivesse mandado o dinheiro por uma caravela, eu já estaria com êle no bôlso, podendo viajar à vontade pela Itália. Não sei se foi o sr. Cadaval ou quem foi que inventou o dólar italiano. Não sei quanto tempo leva um banco brasileiro para pagar uma ordem supo-nhamos de 30 mil cruzeiros (em dólares brasileiros?). Sei apenas que tive ataques de furor impotente mas já amanei a tal ponto que da última vez que a "signorina" de olhos pretos me adiantou um pouco de dinheiro já tive vontade de lhe beijar a mão. Ela estava fazendo uma coisa excepcional — me explicou com o maior carinho e um doce sorriso. Talvez nos casemos. Mas conto esta história para dizer ao leitor: se você morar no Brasil e quiser vir à Itália, desconfie do dólar italiano. O melhor é você — bem, eu acho que o melhor é não morar no Brasil nem vir à Itália.

5/10/57

R. B.